

III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

Vínculos familiares e suas relações com a aprendizagem.

Da Silva, María Helena.

Cita:

Da Silva, María Helena (2011). *Vínculos familiares e suas relações com a aprendizagem*. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-052/459>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRwr/wPx>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

VÍNCULOS FAMILIARES E SUAS RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM

Da Silva, María Helena
Centro Universitário FIEO. Brasil

RESUMEN

O sujeito desejante que hoje somos foi constituído através dos tipos de vínculos estabelecidos com nossos pais desde o momento em que nascemos. Destaca-se neste trabalho a grande importância da família como matriz de identidade no seio da qual se estabelecem estes vínculos. Para compreendermos as ligações que a criança desenvolve com a escola e o seu processo formal de conhecimento devemos dirigir nosso olhar para esta estruturação familiar. Tem sido observado que alunos portadores de distúrbios de aprendizagem possuem comprometimento da capacidade simbólica. Esta questão exige uma maior reflexão sobre o lugar que esta criança ocupou e ocupa no desejo de sua família. À luz da teoria psicopedagógica, é necessário pensar nos vínculos que se constituem na instituição familiar, pois, é aí que o sujeito constrói seu modelo inicial de aprendizagem. É a partir deste modelo inicial que ela se relaciona e interage com a escola e com a aprendizagem e estabelecerá as demais relações vinculares durante toda sua existência. Além das diversas abordagens teóricas, o espaço terapêutico também é utilizado como lugar de escuta, observação e conhecimento da angústia que dá origem ao sintoma e da não aprendizagem como um pedido de ajuda.

Palabras clave

Vínculo Família Desejo Aprendizagem

ABSTRACT

FAMILY TIES AND THEIR RELATIONS WITH LEARNING

The wishful subject that we are today was formed through the types of binds established with parents from the moment we was born. This monograph emphasize the great significance of the family as a matrix of identity within which these binds are established. To understand the links the child develops with the school and its formal process of knowledge is necessary to adress our look to the family structure. It has been noticed that children with learning disturbance have alteration of the symbolic capacity. This matter requires further reflection on the place that this child occupies in the desire of his family. In light of the psychopedagogic theory, it is necessary to consider the binds that constitute the family institution, because it is there where the subject constructs its initial model of learning. It is from this initial model that it relates itself and interacts with the school and with learning and will establish the binds throughout its existence. In addition to the various theoretical ap-

proaches, the therapeutic space is also used as a place of listening, observation and knowledge of the anguish that gives rise to the symptom and not learning as a request for help.

Key words

Bond Family Desire Learning

Primeiras relações vinculares e primeiras aprendizagens.

É na boca que acontece às primeiras aprendizagens. O vínculo com a pessoa que lhe dá a chupeta tem para o bebê o mesmo valor que a boca e muito mais valor para sua aprendizagem. Para Pain (1996) a criança tem algumas estruturas e algumas organizações em estado puro. Sua organização depende além, da organização que está fora dele e de como ele vai integrá-la. Por isso dizemos que tanto o conhecimento quanto o desejo são do outro. O bebê nasce em um mundo de desejo e conhecimento. Tudo o que ele é e não é está na ordem do desejo. Antes de nascer este desejo é diferenciado, pois, tanto pode ser menino ou menina, mas, quando nasce já é metade disso. Dependerá de como seus pais reagirão frente ao próprio desejo. Quando a criança apresenta todo o desejo da mãe dizemos que é nada, pois nada é igual ao impossível. O desejo de viver é parte do organismo do bebê, pois nele já está inscrito geneticamente. A diferença entre o bebê e o animal é que o bebê está inscrito no desejo do outro e o desejo é humano enquanto podemos dizer que o animal tem instinto de sobrevivência. É o desejo do outro que vai mostrar a criança os objetos que ela necessita para viver. Se podemos dizer que a criança tem os reflexos que lhe permite sobreviver no sentido orgânico, no sentido humano esta palavra está inscrita no desejo do outro. Mesmo se a esta criança for dado o que necessita seu organismo, sem a inscrição no desejo do outro ela não será um *ser humano*.

O ser humano vai constituir nela alguns reflexos como, por exemplo, contato de olho, isto é o bebê se sente atraído pela disposição dos olhos do outro. A isto chamamos de atávica.

.Este trabalho nos leva a pensar a primeira relação entre adulto e criança. O adulto põe olho nos olhos do bebê e o educa a sua própria maneira, isto é, o atrai à cultura e civilização. O bebê sensível a este olhar fixa neles. O adulto fala com ele e tenta fazê-lo compreender, mas a

atenção do bebê é muito breve e flutuante. Ele retira os olhos e depois volta para reencontrar este ponto brilhante. O que o interessa no adulto são os olhos, se o fecharmos a criança perde o interesse. Este bebê também se interessará por duas bolinhas sem o rosto humano. Podemos então, supor, que há certa inscrição genética de uma pulsão que podemos chamar de primária e que sobre ela o ser humano vai construir desejos e ter variadas atitudes diante da criança. Este primeiro contato tem importância relevante para o conhecimento. Quando o olhar de dois seres humanos se olham e ambos desviam o olhar o fazem em direção ao mesmo objeto. Há um encontro no objeto como um terceiro suposto. A entrada desse terceiro formando uma relação triangular fazendo o bebê se interessar pelo que interessa a mãe ou aquele que faz a função materna. Este olhar além de ser de conhecimento pode também ser de desejo. Se os adultos ao redor do bebê não estabelecem esta relação de olho no olho o bebê pode voltar o olhar para si mesmo e ficar nessa situação de autista.

No caso dos cegos o envoltório sonoro tem o mesmo valor, pois nos dirigimos ao bebê com certo tipo de som mais agudo do que utilizamos com um adulto. Quando esse envoltório sonoro se estabelece, o bebê ao prestar atenção a palavras sente a mão da mãe que o acaricia e se a mãe se dirige a uma outra pessoa que entra ele se dá conta de um terceiro pela diferença do tom da voz de sua mãe. Todos que pesquisam recém nascidos se dão conta de que o bebê levanta a sobrancelha quando há um elemento estranho. Uma reação autista dos bebês pode ser favorecida quando aquele que cuida dele não olha nem fala com ele, mas os bebês têm sua defesa e muitas vezes seduzem os adultos. Uns seduzem mais, outros seduzem menos e os contatos com outras pessoas com os avós favorecem a experimentação de vários modelos. Se o adulto com o qual o bebê estabeleceu relação não nomeie um terceiro objeto, este objeto perde sua capacidade de intervir, não integra a relação entre os dois. Se a mãe estabelece com o bebê uma relação simbiótica não deixando entrar um terceiro objeto este bebê pode se encontrar uma relação psicótica. Não olhando para o bebê cria uma situação autista. Olhando, mas não integrando um terceiro objeto uma situação psicótica, pois não há objeto a conhecer. Podemos dizer que o desejo da criança se forma a partir do desejo do outro. A palavra desejo só se refere no que diz respeito à cultura. Diferente dos animais que têm necessidades orgânicas onde há uma regulação de suas necessidade orgânica na relação com a mãe no ser humano isso não acontece. O choro do bebê é uma forma de extrair sua potência de desejo da debilidade de sua mãe. Mostra-se tão frágil que precisa dela o tempo todo. Uma fragilidade tão poderosa que mobiliza toda família. A mãe fica atada a ele. Atada não na realidade e sim na imposição que a cultura coloca sobre o desejo, desejo de não deixar um bebê morrer. Tudo isso faz desse bebê um ser poderoso. Quando esse desejo não é suficientemente forte o bebê corre risco de

vida. Antes de nascer às crianças podem ter alguns desconfortos. A mãe fuma, tosse. Assim o nascimento é uma liberação.

O nascimento é o triunfo sobre o sofrimento, embora estejamos ainda no biológico. A constituição da mãe como objeto permanente é feito por canais diferentes dos da conservação de outros objetos. Da mesma maneira que a conservação de seu eu. Um objeto permanente é necessário, pois um dia essa criança não vai ter mãe e precisa saber onde buscar outros objetos para poder suportar a ausência da mãe. O fato de ter uma mãe completa não lhe dá garantia de que ela não vai se ausentar já que é um ser com vontade própria. A mãe é um ser subjetivo e a inter relação que o bebê vai ter com ela também é subjetiva O objeto de conhecimento é distinto do objeto de relação. Para atrair a mãe à criança usa recursos diferentes dos usados para atrair um objeto. Ela usa de recursos para fazer com que a mãe venha até ela o mesmo não fazendo quando se trata de um objeto. Desde muito pequena a criança sabe fazer distinção entre a lei do objeto e a lei da relação com as pessoas. Freud explicou essa relação com o jogo do carretel. A criança atira um carretel para debaixo de um móvel, ele desaparece. Ela puxa a linha e ele volta. Quando atira diz "fort", "cadê" e quando puxa diz "dá", "achô". Freud apenas não diz que esse jogo foi feito quando a criança tinha três meses. Esse jogo faz parte da civilização. Não é somente um jogo de lidar com a perda que ocorre com os bebês. Até os pais quando saem se preocupam com o bebê e devem se acostumar com a separação. O jogo de esconde esconde entre a mãe e o bebê faz com que ele, por meio da mãe se prepare por separações maiores, mas a mãe faz primeiro para depois o bebê fazer. Mais tarde no jogo do carretel a criança se coloca no lugar da mãe e o carretel é ele próprio. Segundo a autora esse jogo iniciou-se lá atrás, carregado de desejo do outro e servirá para a criança interpretar o passado representando a mãe e o bebê é o carretel. Há uma mudança dramática no momento em que coloca a criança no papel de sujeito, do agente da ação que faz desaparecer o carretel É um jogo prazeroso da mesma forma que lá trás a mãe tinha prazer em brincar com ela. Fantasia e conhecimento se constroem de modo diferente e têm funções distintas. A questão consiste em uni-los sem que se forme uma patologia. Por isso é necessário que fluam livremente e se juntem no pensamento. Quando falo expresso consciente e pensamento lógico ao mesmo tempo, mas não mesclados Ao rirmos de uma piada o fazemos não porque a compreendemos, rimos de um outro lugar, lugar do desejo. Como se origina o riso, a gargalhada? É também na inter-relação que só pode ser explicada na ordem do desejo e não do conhecimento. O bebê aprende desde cedo a dar gargalhadas desde que aprenda com os pais. Crianças abandonadas que ninguém ensina a rir não aprendem a rir às gargalhadas. A gargalhada é uma descarga paroxística equivalente a da sexualidade. Passa muito erotismo e corresponde ao modelo sexual da relação que vai num crescendo. Às crianças abandonadas falta

essa relação de amor. Durante os dois primeiros anos de vida de uma criança há uma série de rituais muito ricos no que diz respeito ao nível perceptivo motor (integração de conhecimento) quanto da ordem do desejo. Todos os modelos são da ordem do desejo. Assim o desaparecimento nessa ordem não é o mesmo que o desaparecimento pelo ocultamento, mas a experiência de um nível serve para outro e vice-versa. Algumas crianças simbolizam em um objeto de seu uso uma relação de abandono. Não é um objeto de conhecimento e sim objetos transicionais. As crianças não brincam com esse objeto, mas, quase sempre o mantém junto ao corpo. Guardam para dormir.

Ela fecha os olhinhos já cansada e volta a abri-los porque tem medo de perder o espetáculo e por isso precisa deste objeto transicional. Há crianças que se apaixonam pela realidade e não querem dormir porque algo vai acontecer e ela não estará lá. Então ela volta a si mesma através de um objeto sobre o qual ela possa desdobrar. Esse objeto não é de conhecimento e sim de desdobramento através do desejo. Este objeto permite que ela volte à função de auto abastecimento e lhe permite dormir. Como o que nos permite dormir é a fantasia que fazemos antes de dormir que, quase sempre são fantasias de auto-abastecimento, esse objeto serve para isso. A criança se desdobra como uma passagem de ida e volta. Nenhum estado de permanente prazer é suportável. Uma criança segura não permanece o tempo todo no colo da mãe. Vai correr novos riscos sabendo que mesmo distante a mãe permanece lá. Por que recusamos o prazer? Ninguém fica em uma situação de prazer o tempo todo. Sempre há um momento em que o prazer se esgota, se gasta. Para que não se gaste é preciso renová-lo. O pior que pode acontecer a uma criança com fome é comer, não ter mais fome. Então chupa a chupeta para fazer voltar à fome. Ela só chupa a chupeta quando não tem fome. A primeira experiência de fome é uma resposta reflexa em bloco à dor. Chora e isso é reflexo. Reação, dor e pranto são reflexos. O choro atrai a mãe. A mãe vem e oferece o peito e a fome se acalma. Além do leite a amamentação tem outra qualidade que a torna prazerosa: é gostoso. O bebê não se recorda apenas da fome, mas de toda essa qualidade. Por isso ele faz relação entre o fato de ter se alimentado e ficar sem fome. Não pode ainda voltar atrás. A natureza se encarregou de colocar no leite tipos de qualidade que ele associa com a sucção. Ainda segundo Pain (1996) a primeira grande ausência se dá quando o bebê suga e o leite não vem. É a falta onde se instala o desejo.

Não poderíamos falar da relação vincular mãe filho sem nos reportarmos também ao Complexo de Édipo, conceito criado por Freud ao longo de sua obra. “Poderíamos definir o Édipo como sendo o lugar onde se história, na primeira infância uma função precisa: a necessidade de um “corte” na relação entre mãe e filho.”(MANSOTTA, 1987, p. 111)

O complexo de Édipo consiste no entrelaçamento de relações que virão estruturar os limites de nossa subjetivi-

dade desejante. A intervenção do pai vai permitir que o filho saia do lugar de *Falo* que imagina obturar o desejo da mãe para ocupar o seu próprio lugar de sujeito desejante e procurar (em vão) saber sobre o seu próprio desejo, isto é o que lhe falta. Para entendermos melhor as vicissitudes desta passagem temos que saber o que significava *Falo* para Freud.

Lajonquière (1993, p.193) explica:

Nos termos freudianos, geralmente o termo *Falo* aparece como um qualitativo de uma fase do processo da organização da sexualidade infantil: fala-se então de uma fase fálica. Nela o infantil, seja anatomicamente homem ou mulher, teima em afirmar que só existe o pênis como órgão genital... Deixo bem claro que por *Falo* deve -se entender a premissa universal do pênis... e a teimosia negativa (inconsciente) em reconhecer a diferença sexual anatômica.

Para Freud, *Falo* seria então a premissa universal do pênis ou seja, a diferença sexual é negada (de forma inconsciente). A negativa em reconhecer a esta diferença toma rumos diferentes no menino e na menina durante a passagem pelo Édipo e pela Castração. Lajonquière (1992) deixa claro os tempos e as vicissitudes destes momentos.

Para o menino, a princípio não existe diferença sexual anatômica: é a universalidade do pênis. Ao se deparar com a “falta deste na irmã” acredita que ela o tem pequeno e que ainda crescerá. Num segundo momento em que aparecem as práticas auto eróticas, advém as ameaças parentais de castração. No terceiro momento em que ele descobre a diferença sexual anatômica, acredita que a menina foi castrada, isto é, constata a “a falta do pênis”. No quarto momento, quando a mãe dá a luz a um irmão, esse passa a não duvidar mais da castração. Se a mãe pode dar à luz a uma criança, há então diferença na constituição sexual. No quinto e último momento, o menino angustiado pela castração renuncia ao amor incestuoso pela mãe, salvando assim seu pênis e aceitando a proibição do incesto. Sai então do Complexo de Édipo.

A menina, num primeiro momento também acredita na universalidade do pênis e é seu clitóris que o representa. Num segundo momento conclui que seu clitóris é muito pequeno para ser pênis, logo conclui que foi castrada e passa a experimentar aquilo que Freud chamou de “inveja do pênis”. Percebendo que sua mãe também foi castrada despreza-a e seu objeto de amor agora é o pai. Percebendo que seu desejo não foi realizado haverá três possibilidades possíveis para que ela saia do Complexo de Castração: a) abandonar a sexualidade amedrontada pela falta de um pênis. B) negar a castração acreditando que um dia terá pênis e manter o clitóris como zona erógena. c) reconhecer a castração substituindo seu progenitor amado (mãe) pelo pai (Édipo Feminino). O clitóris cede lugar à vagina. Depois o objeto desejado (pênis) é substituído pelo filho. Da forma pela qual passou pela problemática edípica e pelo complexo de castração dependerá a constituição da subjetividade

masculina e feminina, isto é como o homem se tornará homem e a mulher, mulher.

Após “sair” do Complexo de Édipo e do Complexo de Castração, este sujeito que antes obturava e era objeto do desejo materno agora é obrigado a desejar além deste desejo, isto, a desejar a partir de seu próprio desejo. De objeto passou a sujeito deste desejo.

Esta criança que, a princípio acreditava ser o *Falo* de sua mãe, descobre que não é para depois acreditar que a mãe é castrada, isto é algo lhe falta. Se algo falta à mãe e ela (criança) não consegue obturar esta falta é porque algo lhe falta também. Instalada a falta, passa então a se perguntar sobre seu próprio desejo. O que poderia por onde falta para ficar satisfeito? Quer saber (sobre o desejo). Agora quer encontrar objetos capazes de obturar a fenda que a castração cavou no seu ser. E pulsionado a buscar, pergunta-se sobre o desejo do outro (mãe). Como o saber sobre o que falta é uma saber sobre o qual não se quer saber, é, portanto recalcado. A passagem pelo Édipo e pela Castração é considerada condição fundante do sujeito porque, simultaneamente, se estrutura o psiquismo e o pensamento se desenvolve. Por isso a importância das relações vinculares com os pais pois nesta fase são criadas possibilidades para que a criança internalize as interdições e os valores culturais vivenciadas nas relações

familiares e assim ter acesso ao simbólico nível em que acontece a aprendizagem construindo e reconstruindo conhecimento. Para a aprendizagem concorrem a inteligência como estrutura cognitiva e o inconsciente na ordem do desejo e do simbólico. Para aprender é preciso que a criança saiba do desejo dos pais enquanto ela ainda é objeto do desejo deles e é preciso o desejo de saber enquanto estiver se constituindo como sujeito do desejo.

Afirmou Freud em sua Conferência XXI:

O indivíduo humano tem de se dedicar a grande tarefa de se desvincular de seus pais e, enquanto esta tarefa não for cumprida, ele não pode deixar de ser uma criança para se tornar um membro da comunidade social.

Outro ponto importante nas relações vinculares e suas conseqüências na aprendizagem é o que, em Psicanálise, é denominado sublimação.

Na sexualidade infantil estão presentes práticas de natureza perversa que, mais tarde, sucumbirão à repressão e terão que se submeter ao domínio das práticas genitais.

Exibicionismo, curiosidade dirigida aos órgãos genitais, prazer de sucção, prazer ligado à defecação figuram entre estas práticas. A cada um destes aspectos perversos Freud chamou de pulsões parciais: pulsão oral no caso de sucção, anal no caso de defecação e escópica no caso do olhar. Antes do advento e do domínio do interesse genital tais pulsões são vividas livremente pelas crianças. Não têm ainda um objeto preciso ao qual se dirigir. As pulsões parciais e a sexualidade infantil possuem um caráter errático. Daí há uma constatação: se a pulsão sexual não possui objeto e sua satis-

fação pode ser atingida pelas mais diversas vias ela é passível de se dirigir a outros fins que não os propriamente sexuais, é passível de sublimação. Dizemos então que parte da pulsão é sublimada quando deriva para um alvo não sexual e visa objetos socialmente valorizados. A energia que empurra a pulsão continua ser sexual (libido), mas o objeto não é mais. O indivíduo se volta para atividades, ainda que prazerosas, não sexualizadas como o conhecimento. Caso, porém o desenvolvimento da criança não ocorra de maneira satisfatória poderá esta pulsão originar uma neurose obsessiva. O olhar familiar sobre a manifestação dessas pulsões, propondo-se a reprimir que seria “um mal” estaria atacando um bem e predispondo esta criança a um possível fracasso na busca do conhecimento.

Estas primeiras relações vinculares com os pais serão primordiais para, mais tarde, facilitar a aprendizagem da criança. Portanto para a compreensão da amplitude das relações vinculares externas do indivíduo, torna-se necessária uma análise da natureza dos processos de comunicação que a criança manteve e mantém com seu grupo familiar.

Para Klein (apud CHAMAT, 1997, P. 28).

A percepção que o indivíduo, no caso a criança, tem do mundo que a cerca, ou seja, a percepção do real, depende da percepção internalizada de objeto, estruturada a partir dos primeiros vínculos, desde o nascimento.

Anamnese.

Paciente: G.

Pais: S e F

Segundo relato da mãe, a Gravidez de G foi perturbada. Ela e o pai do paciente não moravam juntos. A gravidez não foi planejada. G nasceu aos sete meses de gestação. A mãe perdeu líquido amniótico. O pré-natal foi feito regularmente. G nasceu de cesariana e ficou no quarto com a mãe e receberam alta juntos.

G mamou até os dois meses e desmame foi tranquilo. Segundo o relato do casal, eles apenas ficavam juntos, não tinham planos. Com relação ao sexo, sabiam que seria menino e que se chamaria L, por parecer com um tio, recebeu o nome de G. Quando G tinha entre quatro e 5 meses o casal se separou. As famílias não aprovavam a relação. O pai de G casou-se com outra pessoa que não o deixava ver o filho. Durante um ano o pai não viu G. Separou-se da mulher e ao procurar G, este não o reconhecia. Recomeçou a namorar a mãe de G. O pai teve que fazer adaptação com G. Segundo relato, G juntou o casal. A família morou com a avó materna. O pai brigava com a avó na frente de G e ele tinha medo de que um deles fosse embora. A avó era quem alimentava G sendo que ele comia pouquíssimo. Preferia sopinha. Hoje ainda come pouco, não gosta de legumes e gosta de coca cola. Engatinhou e andou com um ano. Falou aos dois anos. Com relação ao controle dos esfíncteres, depois que o pai voltou G passou a ter o intestino preso. Vomitava e passava mal. Era preciso usar supositório. Até hoje para fazer cocô tira toda roupa e fica sentado no vaso. Entrou na escola aos quatro anos

e só chorou ao ver o pastor de branco. Com a chegada do irmão mais novo não teve ciúmes. Tem rinite e bronquite. Fica com a avó e não tem amigos. Através da anamnese foi observado que G nasceu prematuro, de uma gravidez perturbada e em meio a um conflito familiar. Para melhor analisar as condições da chegada de um filho devemos ir onde a criança não estava ainda, isto é, antes do seu nascimento. Rodulfo. 1986. A mãe parece segura de si, se coloca determinada, mas pode observar dificuldades em estabelecer regras com o filho que demonstra inquietude o tempo todo. A figura da avó completa o conflito familiar ao desentender-se com o pai. A família não é um simples conjunto de objetos introjetados, mas muito mais uma matriz de dramas, de pautas de seqüências espaço temporais a representar. O conjunto de relação familiar pode ser transposto a nosso corpo, sentimentos, fantasias, pensamentos, sonhos, percepções, pode converter-se em argumentos que movem nossos atos e ser transposto a qualquer outro aspecto. Fernández. 1991. A mãe relatou que G comia e ainda come pouquíssimo. A modalidade de aprendizagem de uma pessoa guarda grande semelhança com sua forma de se alimentar. Implica no desejo de se apossar dos objetos (conhecimento e alimento). Fernández. 2001

BIBLIOGRAFÍA

- Andrade, M. S. Psicopedagogia Clínica: manual de aplicação prática para diagnóstico de distúrbios do aprendizado. São Paulo: Póluss Editorial, 1998.
- Bettelheim, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas, São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006.
- Bossa, N. A. A Psicopedagogia no Brasil-Contribuições a Partir da Prática. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- Chamat, L. S. J. Relações Vinculares e Aprendizagem. São Paulo: Vetor, 1997
- Corso L. D. Corso, M, Fadas no Divã, Psicanálise nas Histórias Infantis, São Paulo, Artmed, 2006.
- Dolto, F. A Imagem Inconsciente do Corpo. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- Donell, J. G. Manual: Provas de Diagnóstico Operatório. Curitiba: Edição C.E.M., 1994.
- Dor, J. O Pai e sua Função em Psicanálise. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1989.
- Fagali, E. Q. Em busca da Identidade e aprendizagem da Família: Um Enfoque Psicopedagógico. (Texto) São Paulo. 2007.
- Fernández, A. A Inteligência Aprisionada. Porto Alegre: ARTMED, 1990.
- Fernández, A. Os Idiomas do Aparente. Porto Alegre: ARTEMD, 2001.
- Ferreiro, E. Alfabetização em Processo. São Paulo, Cortez, 1986.
- Kupfer, M. C. M. Freud: O Mestre do Impossível. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- Lajonquière, L. De Piaget a Freud. Petrópolis: Vozes, 1992.
- Levin, E. A infância em Cena: Constituição do Sujeito e Desenvolvimento Psicomotor. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Macedo, L. Jogo e Projeto, São Paulo, Summus Editorial - 2006.
- Masotta, O. O complexo da Falta. Campinas: Papyrus, 1987.
- Pain, S. A função da Ignorância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- Pain, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- Pichon-Rivière, E. Teoria do Vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Rubinstein, E. A especificidade do diagnóstico psicopedagógico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- Rudolfo, R. O Brincar e o Significante. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 89
- Soifer, R. Psicodinamismos de família com crianças: terapia familiar com técnicas de jogo. Petrópolis: Vozes, 1982.
- Macedo, L. Jogo e Projeto, São Paulo, Summus Editorial - 2006.
- Pain, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- Rudolfo, Ricardo. O Brincar e o Significante. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- Winnicott, D. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975
- Winnicott, D. Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes, 2005